



## NARRATIVAS DE SABERES E FAZERES DO QUILOMBO SÍTIO ALTO

Rafaela Matos de Santana Cruz  
Universidade Tiradentes – UNIT (Brasil)  
Endereço Eletrônico: rafaela.santana@souunit.com.br

Cristiano Ferronato  
Universidade Tiradentes – UNIT (Brasil)  
Endereço Eletrônico: cristiano\_jesus@unit.br

1973

### INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo (re)conhecer os saberes ancestrais do quilombo Sítio Alto. Por se tratar de uma pesquisa antiepistemicida, apostamos nas lentes que o decolonial nos proporciona, acreditando que os saberes que são passados de geração em geração nos quilombos são ancestrais e insurgentes, na urgência dos sujeitos quilombolas contarem suas próprias histórias. Por isso, faz-se necessário as várias lentes que o Decolonial proporcionam dentro de uma colonialidade que ensina a ser sujeito. Quilombo, aqui é visto como resistência, lugar de lutas e memórias.

O Quilombo Sítio Alto guarda a força da ancestralidade de um povo que (re)existiu e (re)existe por melhores condições de vida, antes mesmo do seu reconhecimento como comunidade quilombola, pela Fundação Cultural Palmares em 2014. O nome Sítio alto veio depois desse reconhecimento, porque a comunidade, mesmo sendo localizada em uma serra alta, era invisível aos olhos da população de Simão Dias, por ter grande número de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza. Isso nos fez perceber, nas entrelinhas, como a questão racial tem a ver com a socioeconômica, porque as pessoas que habitam, em sua maioria, eram negras.

As várias lutas e (re)existências efetuadas no então povoado, depois quilombo, vão ser travadas principalmente por uma mulher, Dona Josefa Santos de Jesus, 63 anos, quilombola, nascida e criada naquele lugar que chama com o maior orgulho de quilombo. A mulher que é mãe, esposa, avó, amiga, mulher do campo, mulher quilombola, mulher das lideranças, mulher símbolo de resistência e perseverança, que se articula em várias esferas sociais para trazer benefício para sua comunidade. Mulher que se movimenta dentro das estruturas de poder e, nesse movimento, move o quilombo, porque ela é o quilombo em movimento.



Sendo assim, a problemática central da pesquisa que temos desenvolvido está enfiada em torno da compreensão dos saberes ancestrais do quilombo Sítio Alto. Nesse sentido, perguntamos: Como os saberes dos mais velhos criam rachaduras na colonialidade no Quilombo Sítio Alto? Por que os saberes ancestrais se ressignificam, no chão do Quilombo Sítio Alto, dentro do cenário pedagógico criado pela colonialidade?

O pressuposto central trata-se da potência dos Saberes Ancestrais de grupos historicamente subalternizados e marginalizados, como é o caso dos quilombolas do Sítio Alto, por acreditar que mesmo dentro de uma colonialidade que é cenário pedagógico, estes grupos se organizam, enquanto sujeitos insurgentes para guardar seus saberes ancestrais e (re) existirem. As ações desenvolvidas nos quilombos são maneiras “outras” de ensinar, que transpassam os limites que a colonialidade como cenário pedagógico cria, impõe e ensina. Assim, acreditamos que um quilombo se faz quilombo e resiste como tal pela força dos saberes identitários que nele se constrói, com todos os conflitos e contradições, próprios desse processo de construção.

É preciso raízes fortes para seguir na luta. Assim, como forma de resistência, tanto na esfera geopolítica, quanto na epistêmica, no final do século do século XX, dentro do grupo de investigação modernidade/colonialidade, pensadores latino-americanos, denominado por Nelson Maldonado-Torres como Giro Decolonial, começaram a refletir sobre as questões que envolvem o social latino-americano, para alguns o Sul Global. Com base nessas reflexões, esses pensadores produzem um saber decolonial comprometido com as existências de sujeitos outros, esses saberes intencionam contra a hegemonia eurocêntrica. Nesta perspectiva, este grupo faz reflexões tendo em vista questões sociais do sistema mundo colonial/moderno, traçando diferentes possibilidades de descortinar a colonialidade nas esferas do Poder, do Saber, do Ser e Cosmogônica. Na escrita, Aníbal Quijano (2009) difundira o conceito de colonialidade do poder; Nelson Maldonado-torres (2008) a do ser; Walter Mignolo (2005) a do saber; e Catherine Walsh (2009) a cosmogônica. Para mais, temos o conceito de quilombo pelas lentes de Maria Beatriz Nascimento (2018).

## METODOLOGIA

A construção metodológica dessa pesquisa ecoa as narrativas de sujeitas/os quilombolas. Nas linhas da dissertação que desenvolvemos, a escrevivência do povo quilombola, o povo negro, irmãs e irmãos, companheiras e companheiros de luta e

1974

Realização:



Apoio:





resistência são essenciais para a compreensão dos saberes ancestrais. Juntar a nossa voz à de todos/todas quilombolas é um processo de escrevivência no qual tivemos de achar direção. Escrevivência é o eco de vida-liberdade que precisamos tecer na sociedade brasileira.

Conceição Evaristo (2017) nos apresenta o conceito de Escrevivência como ato de escrever a vida, seu sentido, as experiências na infância, adolescência e na fase adulta, que é atravessada pelas questões sociais e de raça. Mulher negra periférica, Conceição Evaristo desenha uma metodologia própria de escrever suas narrativas e a dos seus. No sensível gesto de se sentar e compartilhar saberes em rodas de conversas, estabelece-se a autoria delas/deles e ouvintes das suas experiências no ser quilombola. Elas/eles, pelo ato da palavra, mostram a importância de assumir a autoria das suas próprias histórias, e juntos constroem histórias outras do quilombo. É nas trocas de experiências que se constroem as narrativas.

Esse processo de narrar experiências é carregado de ancestralidade Africana. Em África, a tradição oral sempre foi a força e a herança do povo que vê na palavra o poder de guardião dos seus saberes. Dessa forma, a pesquisa aposta na sua construção metodológica em tecer escrevivências, que permitem os/as sujeito/as da pesquisa narrarem suas experiências vividas. Para isso, não perdendo o fio da sensibilidade metodológica que o conceito de escrevivência possui, fazemos um entrelace entre este e as técnicas de entrevistas da história oral.

A valorização e o uso de fontes orais na história tiveram início em meados do século XX, mais especificamente no chamado pós-guerra. Com o avanço tecnológico, aparelhos auditivos e de som (como gravador de áudio e fitas) permitiram que pesquisas desse tipo fossem desenvolvidas. Mesmo sendo a oralidade utilizada desde muito antes do surgimento da escrita, dentro da história eurocentrada não havia espaço para essa técnica, principalmente por ser uma tradição ancestral dos povos africanos. Além de seu caráter subjetivo, o que levava os historiadores e pesquisadores a não darem credibilidade ao método da história oral. A historiadora brasileira Verena Alberti (2008, p.) defende a história oral como “o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.

Assim, junto a escrevivência, usamos o as técnicas de história oral como caminho metodológico. Por pensar em sensibilidade e respeito à pesquisa em si, a metodologia foi mudada três vezes até chegar à escrevivência entrelaçada com as técnicas de construção de narrativas da história oral.

1975



## RESULTADOS

Esta é uma pesquisa em andamento. No momento continuamos nos aprofundando no referencial teórico em buscar de melhor analisar as narrativas dos/das sujeitos/as da pesquisa. Estamos nas caminhadas finais da pesquisa, analisando e dialogando com as narrativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quilombo é visto aqui como lugar de resistência e memória, onde sujeitos podem ser ouvidos e vozes potencializadas. Assim, os saberes ancestrais do quilombo Sítio Alto são potentes além de se resignificarem em cada ato que os quilombolas fazem. Portanto, é crucial na pesquisa adotar posturas e ações antiepistemicidas, desvelando todo o cenário pedagógico que a colonialidade traz.

Os saberes ancestrais do quilombo Sítio Alto se resignificam dentro do cenário pedagógico da colonialidade. Isto está presente no texto desde a escolha do referencial teórico que problematiza a colonialidade como cenário pedagógico, o qual ensina a ser sujeito, até o desenvolvimento dos procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados que também pressupõem a escuta de sujeitos subalternizados, mas que no texto serão protagonistas.

Assim, propomos olhares que potencializam vozes de sujeitos quilombolas a contarem as suas próprias histórias, partimos da problematização da educação pedagógica que é a colonialidade, que ensina sujeitos marginalizados e subalternizados a serem sujeitos na sociedade. Portanto, compreender a resignificação dos saberes ancestrais dentro do quilombo, buscando identificar todas as dinâmicas de ser sujeito quilombola, apontará outros caminhos para desnaturalizar a colonialidade, descortinar práticas racistas e evidenciar diferentes possibilidades de saberes outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saberes. Ancestralidade. Quilombo.

## REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

1976



NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e Intelectual**: Possibilidade nos dias da destruição. 1 ed. Filhos da África. 2018.

Santos, Boaventura de Souza. **Para além do Pensamento Abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: 2009. p.23-71

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 71-114, março. 2008.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do Poder e Classificação Social**. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: 2009. p.73-117.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letras e voz, 2016.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

1977

Realização:



Apoio:

